

POR QUE A LEITURA DE TEXTOS FILOSÓFICOS EM SALA DE AULA É UMA PRÁTICA INDISPENSÁVEL?

WHY THE READING OF PHILOSOPHICAL TEXTS IN CLASSROOM IS AN INDISPENSABLE PRACTICE?

Débora Cristina Martins de Souza¹

Resumo: Este artigo tem em vista abordar a questão da leitura dos textos filosóficos no ensino de Filosofia. Por leitura, utilizaremos a problemática que Arthur Danto propõe a respeito do embate entre Filosofia e Literatura no que tange à *questão da referência*, abordagem esta que na conclusão do autor desvela uma dimensão referencial da leitura que não está vinculada à técnica ou a um método de leitura, como nos apontam os modos de leitura denominados como vertical e horizontal. A referência do texto que se tem em vista desvelar é a do leitor no ato de ler, referência que aponta uma universalidade diferente daquela que se obtém pela objetividade e particularidade da história ou ainda das ciências. A universalidade do texto a ser explorada neste artigo refere-se ao *leitor que todo o texto filosófico ou literário exigem para que possam ser lidos*, um “Eu” geral que ganha corpo durante a leitura. Esta dimensão pode nos elucidar respostas a respeito da presença da Filosofia no ensino, bem como a respeito da leitura de textos filosóficos em sala de aula, pois a leitura como este encontro com o “Eu” geral dado pela expressividade do texto possibilita que nos desloquemos da perspectiva de si, da individualidade, e então, fornece abertura a outrem; um primeiro passo para a criação da argumentação, do debate e do respeito à diversidade, algumas das chamadas habilidades fundamentais do ensino médio, segundo o documento em discussão *Base Nacional Curricular Comum*.

Palavras-chave: Filosofia. Leitura. Referência. Verdade. Universalidade.

Abstract: This article aim to approach the question of reading philosophical texts in the teaching of Philosophy. By reading, we will use Arthur Danto's problem proposal on the clash between Philosophy and Literature on the *question of reference*, in the conclusion of the author this approach reveals a referential dimension of reading that is not bound to a technique or a method of reading, as pointed out by the ways of reading philosophical texts called vertical and horizontal. The reference of the text to be unveiled is that of the *reader in the act of reading*, a reference that points out a universality different from that obtained by the objectivity and particularity of history or even of the sciences. The universality of the text in the scope to be explored in this article refers to the reader that all philosophical or literary text require for reading, a general "I" that gains body during the reading. This dimension can elucidate answers about the presence of Philosophy in teaching, as well as about the reading of philosophical texts in the classroom, because reading like this encounter with the general "I" given by the expressiveness of the text enables us to move from ourselves, from individuality, and openness to others; a first step towards the creation of argumentation, debate and respect for diversity, some of the so-called fundamental skills of secondary education, according to the document under discussion *Base Nacional Curricular Comum*.

Keywords: Philosophy. Reading. Reference. Truth. Universality.

¹Mestranda em ensino de Filosofia pelo PROF-FILO (UFPR). Bolsista Capes. Email: deboramartins.fil@outlook.com

1. O ensino de Filosofia no contexto de reforma

Muito se fala em educação sobre ler de modo significativo. Uma das expectativas acerca do processo escolar é que os estudantes sejam desenvolvidos leitores dados à linguagem de modo autônomo, que saibam ler e que estejam habilitados a interpretar, questionar, imaginar. No atual contexto de discussão a respeito do estabelecimento da nova *Base Nacional Curricular Comum*, a chamada BNCC, além de perpassar as áreas de língua portuguesa e linguagens, no que tange à leitura, as habilidades que podemos destacar do documento preliminar e que giram em torno da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas são a reflexão, a problematização, a habilidade de estabelecer críticas e o debate, tudo isso convergindo para a consolidação de uma formação com vistas no bem comum, de modo que a diversidade seja conceito basilar.

A partir de uma análise do documento, é possível observar que se tem em vista a imersão do ensino médio no contexto das novas tecnologias, não se tratando apenas do seu uso, mas sua compreensão e produção. Ademais, as tecnologias ganham destaque na proposta atual do ensino brasileiro, visto que no documento, a produção em qualquer âmbito da vida humana, seja político, de trabalho, econômico, cultural, aparece como permeada por elas, pelas formas como o ser humano produz e reproduz recursos que são determinantes no modo de estabelecer-se em sociedade. Além disso, o documento nos aponta que o ensino no que tange às ciências humanas deve promover uma formação ética, crítica e voltada para o diálogo e o respeito das diversidades.

Ademais, as ciências humanas aparecem como sendo a parte da formação do indivíduo que deve levá-lo a compreender certas categorias: tempo e espaço, território e fronteira, natureza, indivíduo, sociedade, cultura e ética, tendo como eixo central a produção tecnológica que as perpassa.

Há lugar para a Filosofia neste contexto? Se sim, qual seu papel? Qual é também o papel dos textos clássicos? Em tempos de reforma, o ensino de Filosofia se vê mais uma vez questionado. Sem a possibilidade de especificar o objeto do conhecimento filosófico, além de que, as ciências humanas têm sido deflagradas frente a governos que prezam por políticas não democráticas, a necessidade da Filosofia se vê enfraquecida. Todas as categorias explanadas na área ciências humanas e sociais aplicadas não dizem respeito à delimitadas disciplinas, uma das características inovadoras da proposta. No entanto, serão as disciplinas que deverão convergir à uma mesma área e seus objetivos,

e então se salvaguarda a Filosofia e suas especificidades, e teremos em vista uma convergência ao ensino interdisciplinar? Ou haverá uma distinção dada por elementos oriundos de interesses, por exemplo, se se compreender que determinada categoria, como a de natureza, é de competência específica da disciplina de Geografia?

A primeira possibilidade nos parece mais sensata. Entretanto, esta discussão deve permear as construções estaduais e municipais, para que um mesmo projeto de ensino das áreas de ciências humanas seja possível. É quanto a este limiar que a leitura de textos filosóficos indica uma necessária prática de ensino visto que todas as categorias enunciadas pelo documento da BNCC são temas dentro da Filosofia, ou seja, debatidos ainda hoje, e presentes nos textos clássicos.

Não há um consenso sobre o que significa propriamente ler, nem mesmo sobre o conceito de texto; se o sujeito exerce um papel ao ler e ou se o que há é o texto de modo total, com o significado fechado em si. Adentrando a este debate, farei algumas considerações sobre a leitura, e a partir destas, buscarei elucidar alguns apontamentos sobre a leitura de textos filosóficos no ensino de Filosofia. Através do aporte teórico escolhido, defenderei a necessária presença dos textos filosóficos no ensino, pois a leitura dos mesmos desvela uma dimensão indispensável ao exercício da crítica, da argumentação e do debate, elementos basilares quando pensamos nos objetivos das ciências humanas para o ensino médio.

2. A leitura como questão

A cada ano que passa a leitura de textos filosóficos ao menos no ensino médio, faz-se mais presente. Face ao tratamento dado à disciplina de Filosofia no *Programa Nacional do Livro Didático* (PNLD), em sua maioria, os livros têm trazido trechos de textos filosóficos. Além disso, o livro *Antologia dos Textos Filosóficos* constitui também um trabalho muito significativo no que concerne a material, tendo sido distribuído em todas as escolas do estado do Paraná e estando também disponível na internet.

Estes e tantos outros materiais juntamente à preocupação cada vez mais evidente de tornar presentes os textos filosóficos no ensino devem-se à própria forma que o pensamento sobre o ensino de Filosofia tem delineado no Brasil, forma que ao longo dos anos vai tomando contornos cada vez mais precisos e comprometidos, delineando dentre suas preocupações, a questão da presença do texto filosófico. E por que ler textos

filosóficos ou ainda, por que ler os clássicos, seja da Literatura ou da Filosofia? Para pensar esta questão, podemos nos voltar ao que há no texto que nos é indispensável.

Arthur Danto, em *O Descredenciamento Filosófico da Arte*, discorre apontamentos sobre a consistência da relação entre Filosofia e Literatura. O autor se insere na problemática da Filosofia como pensamento sobre a Linguagem, mais propriamente sobre a questão da referência, que se constitui como investigação acerca da validade dos enunciados, de dar respostas ao que garante a verdade das sentenças. Em suma, a Filosofia semântica e as investigações que deram origem às teorias da referência, constituem-se a fim de delimitar os limites para a própria reflexão filosófica.

Com esse corpus investigativo, na perspectiva de caracterizar a referência, caracterizando a verdade ou falsidade do que se pode enunciar, para compreender o que é significar é preciso definir o que se está falando, sobre o que se pode falar e os efeitos desse acontecimento, logo, as teorias do significado são teorias que buscam compreender a relação entre a palavra e mundo. Neste contexto, termos fictícios presentes na Literatura, mas que não são de seu uso exclusivo, visto que na Filosofia também se lança mão de seres inexistentes - como o gênio maligno em Descartes, ou a tábula rasa de John Locke – tornam-se problemas.

Ao pensar a referência, busca-se principalmente validar o que é um discurso efetivo, e a partir disto significar sua veracidade. A referência como questão central da significação tende a ocupar-se dos seres e sua realidade na Linguagem. Segundo Danto, a teoria semântica propõe estabelecer relações entre a Literatura e o mundo a fim de conectá-los, entretanto, o autor afirma que estas conexões carecem de sustentação e acabam por adequar a representação literária de acordo com as categorias que propõe:

a teoria semântica faz o seu melhor ao tentar conectar a literatura com o mundo por meio daquilo que, afinal de contas, são os únicos tipos de conexões que ela compreende: referência, verdade, exemplificação, satisfação e coisas afins; e isso significa distorcer o universo a fim de que ele possa receber as representações literárias. (DANTO, 2015, p. 182).

Sem adentrar-se no mérito a respeito das teorias que buscam explicar de que modo os seres fictícios adquirem significado, Danto chama atenção à questão de porque ainda assim a Literatura deve constituir algo de nosso interesse para aquém das teorias do significado, visto que a partir delas, nos parece que só podemos compreender a

Literatura a partir das conexões propostas por suas categorias. Sua investigação gira em torno de pensar por que se faz necessário passar horas em uma leitura que nos remete a seres que não existem, ou ainda, por que ler textos filosóficos que já foram debatidos e proporcionaram elucidações que podem ser até mais coerentes que o próprio texto?

Danto levanta um exemplo de teoria literária que destitui a Literatura de qualquer relação com o mundo, é o que se passa com noção de intertextualidade, sugerida por um teórico citado pelo autor apenas como “R”. Segundo a concepção de “R”, a Literatura não relaciona-se com a realidade, ao invés disso, suas referências dizem respeito sempre a outros textos e portanto, a fim de compreender um texto, faz-se necessário compreender as suas referências textuais. A Literatura assim considerada compõe uma “rede de efeitos recíprocos” (ibid., p. 187) em que é preciso analisar suas referências textuais a fim de instituir a unidade de significado da obra.

Por sua vez, o meio que orienta a argumentação de Danto acerca da relação entre vida e Literatura e entre vida e Filosofia é a forma e o estilo do texto. Tomar um texto como literário tende a ser para aquém dos seres que ele remete, considerá-lo mediante seu estilo, a forma como é composto e que revela um todo que cumpre um papel na constituição da obra.

Qual o papel da forma no texto filosófico? Nossa tendência, diz Danto: “é considerar o estilo, exceto na medida em que ele aprimora a clareza, como adventício e supérfluo para aquilo em benefício do que abordamos (...) como mera *Farbung*, para usar o termo pejorativo de Frege” (ibid., p. 175, grifo nosso). Deste modo, tratar a respeito do estilo traria um obscurecimento do que é primário no texto filosófico, do que é realmente importante, e como consequência, levanta a questão da Filosofia-como-Literatura, em detrimento da Filosofia-como-ciência.

Ao considerarmos o texto Sagrado como o Alcorão, por exemplo, é possível, na visão de Danto, denominá-lo literário visto que seu teor de expressividade, seu estilo remete a uma escrita sobre-humana, ou seja, o estilo do Alcorão não coloca dúvidas de que é uma escrita divina, visto que “ela transcende, em sua beleza, os poderes da expressividade humana, como se garantisse por reivindicação de ter sido ditada por um anjo e de ser, nem mesmo metaforicamente, a palavra de Deus” (idem). Em contrapartida, o autor aponta a característica da escrita Bíblica como indissociável do gesto humano, em grande parte é até mesmo “ofensiva ao gosto literário” (ibid., p. 176). Se tratando de textos sagrados, veem-se dois modos distintos de referir-se à verdade: uma desvela-se por um estilo que por julgar-se não estar ao alcance do ser humano é

atribuído verdadeiro, enquanto a outra, por ser considerada uma escrita pouco preocupada com estilo, foi tomada mais como a Palavra de Deus diretamente revelada aos homens, seguindo-se disto a revelação da verdade. Em suma, duas verdades advindas do estilo, entretanto, uma mais “literária” do que a outra.

Tratar a Bíblia-como-Literatura não é uma impossibilidade se a colocarmos na ótica de seu estilo, entretanto, entende-se que com isso sua verdade é colocada em questão. O que Danto quer enfatizar é que “há um contraste profundo entre tomar a Bíblia como Literatura e vê-la como Palavra” (ibid., p. 175). Com esta alusão, o autor levanta uma analogia entre a questão que surge de considerar a Bíblia como Literatura ou como Palavra revelada e por isso portadora de uma verdade, com o contraste Filosofia-como-Literatura ou Filosofia-como-verdade. A explanação de Danto abre a pensar sobre a relação entre a forma da escrita e a verdade do texto. O que o contraste entre essas diferentes perspectivas podem elucidar? Qual o significado da forma em cada um dos casos? E nos orienta a pensar a linguagem dos textos filosóficos: se os escritos de Platão fossem feitos em verso, continuariam a ser verdadeiros como os seus diálogos? Qual o alcance da forma para a verdade do texto?

3. A relação entre forma e verdade do texto

Danto aponta para a relação entre a prática filosófica, a forma de sua produção na atualidade e a verdade filosófica. O autor elucidar o que pode ser chamada de comunidade acadêmica da Filosofia, que sustenta de modo latente a forma de fazer Filosofia na atualidade: o artigo científico, principal forma de vida da Filosofia. O artigo caracteriza certa homogeneidade no fazer filosófico. Requerido e circulado em periódicos, congressos e cursos de Filosofia, tornou-se a “língua” comum da escrita, um estilo que garante assim como na ciência normal, a estabilidade de uma determinada comunidade. Ao tratar do uso do artigo, Danto nos aponta mais uma vez para a relação da forma e da verdade: a visão filosófica é credenciada pelo artigo, e conseqüentemente, esta é hoje, segundo ele, uma condição de verdade à Filosofia.

Além disso, a escrita em artigo demarca diferentes limites entre os diferentes leitores. Lido apenas entre os pares interessados, o público de leitores se restringe aos pesquisadores. Mas a expressão filosófica pode compreender mais do que as fronteiras dos leitores e o credenciamento da verdade. Danto não visa tecer críticas ao fazer filosófico atual, mas sim, pensar sobre o que escapa à forma atual - o artigo - no seu

contraste com outras expressões. Visto que já se produziu Filosofia por diversos gêneros² e eles podem significar mais do que modos de escrita:

[...] apenas quis enfatizar que o conceito de verdade filosófica e a forma de expressão filosófica são internamente relacionados o suficiente para que queiramos reconhecer que, quando nos voltamos para outras formas, podemos também estar nos voltando para outras concepções de verdade filosófica. (ibid., p. 178)

O autor nos expõe o questionamento acerca do que hoje denominamos os clássicos da história da Filosofia e que por meio deles muitas vezes tecemos comentários em forma de artigo: estes textos não perderiam algo se fossem separados de sua forma, ou seja, se fossem escritos em forma de artigo? A tese de Danto é de que a expressão, a forma do texto remete à leitura, ou ainda, ao leitor no ato de ler, visto que ela pode ser considerada como uma maneira pela qual o autor busca realizar a verdade do texto ao ser lido, ou ainda, “um tipo de relação com aqueles textos” (idem).

Questões relacionadas à abordagem do texto filosófico caracterizam as maneiras possíveis de interpretação, de consideração do que é a leitura. Existem dois modos predominantes de orientação em história da Filosofia, dois modos de ver o texto e dele extrair o verdadeiro: a perspectiva horizontal e a vertical. O modo horizontal estabelece-se na busca por explicitar a obra mediante o contexto em que ela está inserida. Neste método, o historiador compreende a história da Filosofia como resultante de um determinado período da história, ela não existe por si, ela existe por forças e explicações extrínsecas a ela que o historiador acaba por resgatar a fim de conferir sentido. Aqui, a leitura do texto deve ser um modo subjetivo, com vistas à elaborar uma visão crítica ao voltar-se ao texto; a verdade do texto estará sujeita ao julgo do leitor, pois sua interpretação é o que desvelará seu significado, na medida em que resgate a intencionalidade presente na obra, os traços psicológicos que perfizeram a sua singularidade, portanto, é como se a obra por si não tivesse condições de trazer à tona as condições de sua verdade.

² [...] diálogos, notas de leitura, fragmentos, poemas, exames, ensaios, aforismos, meditações, discursos, hinos, críticas, cartas, sumas, enciclopédias, testamentos, comentários, investigações, tratados, Vorlesugen, Aufbaten, prolegomenos, parerga, pensées, sermões, suplementos, confissões, sentenças, perquirições, diários, panoramas, esboços, livros cotidianos, e, para ser autorreferencial, pronunciamentos e inúmeras formas que não têm identidade genérica ou que constituem elas próprias gêneros distintos: Holzwege, Gramatologias, Pós-Escritos não científicos, Genealogias, Histórias Naturais, fenomenologias [...] (ibidem., p. 179)

A outra forma de interpretação filosófica caracteriza-se como vertical. Nesta técnica, o modo de abordagem do autor deve ser orientado pela obra, a fim de explicitar ao longo de uma análise, a sua estrutura interna. Enquanto o método horizontal orienta a visão sobre a obra, a visão vertical é uma tomada de decisões, de caminhos que se desvelam nas escolhas conceituais, todavia, elas já estão presentes ali, cabendo ao leitor acompanhá-las a fim de compreendê-las. Victor Goldshimidt nos diz em *Tempo Histórico e Tempo Lógico na Interpretação dos Sistemas Filosóficos* que a estrutura conserva um tempo lógico, ditado pelo movimento do pensamento na obra, este movimento refere-se a uma temporalidade que visa à universalidade. A verdade da obra resulta do modo como ela realiza o universal neste tempo que não significa o tempo do relógio, mas um tempo encadeado particularmente pela obra, por isso a necessidade do método de análise estrutural: a estrutura que perfaz a obra é a própria articulação do método sobre ela.

A temporalidade constituinte do método horizontal sustenta-se pela consideração de uma linearidade histórica da Filosofia, em uma sucessão dos períodos e obras, logo, ela situa o pensamento filosófico desenvolvido em determinado período, remete por isso, a dispor da Filosofia de modo singular. Enquanto que o método vertical compreende a Filosofia como uma universalidade, um pensamento racional totalizante, que se requer em separado do tempo vivido, apontando para um tempo lógico, como o afirma Goldshimidt ao citar Bachelard³. A verdade do pensamento filosófico independe neste caso do conteúdo, estando na razão dos movimentos conceituais do autor:

Assim, para compreender uma doutrina, não é suficiente não separar a léxis da crença, a regra, de sua prática; é preciso, após o autor, refazer os movimentos concretos, aplicando as regras e chegando a resultados que, não por causa de seu conteúdo material, mas em razão desses movimentos, se pretendem verdadeiros. (GOLDSCHIMIDT, V disponível na internet via WWW. URL: <http://www.jcrisostomodesouza.ufba.br/goldsc.html>. Acesso em 29/05/2018).

Em *O Método em História da Filosofia* Martial Gueroult também apresenta uma forma de interpretação dos textos filosóficos embasada na técnica estruturalista. Ele

³ Nos afirma Goldschmidt referindo-se à Gaston Bachelard: “[...] o pensamento racional se estabelecerá num tempo de total não vida, recusando o vital. Que a vida, por seu lado, se desenvolva e traga suas necessidades, é, sem dúvida, uma fatalidade corporal. Mas isso não suprime a possibilidade de *retirar-se do tempo vivido, para encadear pensamentos numa ordem de uma nova temporalidade*. (GOLDSCHIMIDT, via WWW, acesso em 29/05/2018, grifo nosso)

compreende que o nascimento de uma Filosofia advém da busca por resolver um problema de modo sistemático e o que resulta dela constitui uma arquitetura em que os conceitos produzem novas estruturas que podem ser apreendidas pela compreensão do movimento dos conceitos em busca de uma totalidade. Como arquitetura, os conceitos que surgem estabelecem movimentos dentro da obra e também constituem conexões com áreas e conceitos de fora dela e a leitura do historiador deve apreender o funcionamento desta visão de estrutura.

Na concepção de Danto, ambos os modos de ler não apresentam conexões entre a vida e o leitor. A noção de texto acaba por remeter a referência à verdade implicada pelo leitor no que tange a desvelar na obra aquilo que ela não nos apresenta, no caso da leitura horizontal, ou ainda, na verdade como contida no texto em si mesmo, devendo ser encontrada pelo leitor, no que tange à leitura vertical. Esta última, retomando a teoria da referência do supracitado teórico “R”, autor da *falácia referencial* - para quem “a Literatura trata apenas de referências horizontais” (ibid., p. 22) - é o objeto de compreensão no âmbito da Filosofia, na medida em que dizem respeito às coisas, mas apenas como “rótulos numa tampa de barril” (ibid., p.19) e, portanto, constituem uma relação de referência entre palavras e coisas, em separado da vida.

Estas exposições acerca do modo de abordar o texto filosófico nos leva a levantar a mesma questão feita por Danto várias vezes em seu texto supracitado: qual o lugar da vida nelas? Qual a relevância dos textos literários e filosóficos para a vida? O que mantém a vitalidade do texto? Neste sentido, para quem das coordenadas vertical e horizontal, Danto afirma a necessidade de uma coordenada de outro tipo: “precisamos claramente de uma coordenada z, devemos abrir uma dimensão de referência que não revele totalmente nem a referência vertical nem a horizontal” (ibid., p. 188).

Na análise de Danto, retomando os conceitos explanados por Aristóteles na obra *Poética*, a Literatura é mais filosófica do que a história visto que a sua natureza é de ordem universal. A Literatura define-se como nos afirma Aristóteles mediante a noção de verossimilhança *como aquilo que pode ser*, diferentemente da história, que é caracterizada pela singularidade de suas narrativas, em que sua verdade é dada pela particularidade dos fatos deste mundo. Mesmo que possua um teor filosófico, Danto chama atenção ao fato de que um livro de Literatura não pode ser “tão filosófico quanto a própria Filosofia” (ibid., p. 191). Sua conclusão é de que o que caracteriza a Filosofia é a sua universalidade e, além disso, a *necessidade*. Diferente da história, que trata de

fatos singulares neste mundo, a Filosofia “quer ser mais do que universal, ela quer também a necessidade, verdade para todos os mundos que são possíveis” (idem).

Entretanto, há outra universalidade em Literatura que perfaz uma segunda universalidade também da Filosofia. É neste sentido que o filósofo defende a tese de que a Filosofia propicia uma interpretação que fundamenta uma condição de verdade diferente daquela requerida pelas técnicas de leitura citadas:

Acredito, entretanto, que há um tipo de universalidade na Literatura que vale a pena considerar, diferente dessa, [...] reconhecendo que se a Filosofia é também Literatura ela teria de ser universal e possivelmente até necessária de duas maneiras diferentes. (idem., grifo nosso)

4. O leitor no ato da leitura como referencial do texto literário e filosófico

A universalidade levantada por Danto não é no sentido do contraste com a particularidade: “não é universal no sentido de tratar cada mundo possível tanto quanto possível [...] tampouco no sentido de tratar do que acontece de ser o caso nesse mundo exatamente particular” (ibid., p. 192). Na perspectiva defendida por Danto, a obra literária existe para que seja apreendida pelo leitor e a sua apreensão “completa a obra e lhe dá substância definitiva” (idem).

O sujeito que se encontra na leitura de uma obra literária advém de duas condições que dizem respeito à noção que possui de si mesmo: não pode ter uma noção demasiada forte de si, correndo o risco de buscar identificar sua vida na obra, como alguém que acredita que o personagem refere-se a ele; nem um indivíduo que possua uma noção fraca de si, como Quixote ao buscar realizar em sua vida os romances de cavalaria que lera.

O ponto da vida que é atingido pela obra defendido por Danto não remete a uma referência direta ao indivíduo, nem mesmo à construção direta de sua visão de mundo. Danto compreende que a Filosofia remete à Literatura no sentido que ambas desvelam um leitor, elas solicitam e perfazem o leitor durante a leitura, evocando uma conexão entre leitor e texto que dá o sentido da verdade do texto. Para Danto, Filosofia é Literatura no sentido em que o texto demanda essa conexão com o leitor para que possa ser completa, diferente da História, em que a verdade da obra independe desta conexão. Esta conexão obra-leitor revela-se como uma das condições de verdade para a Filosofia, daí que, a realidade a que se refere o texto, é a que se revela mediante o ser lido.

Ler um texto filosófico, segundo Danto é, portanto, revelar um leitor, sendo possível através dos diferentes textos, desvelar diversas antropologias filosóficas. A leitura nos leva ao encontro de algo que somos, mas que não nos é dado em nós, pois está no texto, esperando para ser suscitado, de modo verdadeiro, não metafórico. Ler vitalmente é o que ilustra para Danto este poder do texto e que mantém os clássicos da história.

Danto visa situar esta como uma das maneiras pela qual a Filosofia relaciona-se com a vida, e romper com o caráter aparentemente intransponível da questão da referência no que se trata de pensar Filosofia e Literatura. Numa linha intermediária das coordenadas da leitura vertical x horizontal, Danto situa a coordenada leitor, e nesta, Filosofia é Literatura no sentido de compor uma forma de verdade que pode continuar latente, mesmo que se prove a falsidade de seus argumentos, pois se trata de “uma verdade internamente relacionada com a sua leitura” (ibid., p. 197). Não se trata, pois, de um “intuito de tratar os textos filosóficos como literários” (ibidem., p. 195) nos adverte o autor, mas sim de “mostrar *uma das maneiras* como a filosofia de fato se relaciona com a vida” (idem, grifo nosso), maneira esta que subsiste à universalidade na concepção de verdade para todos os mundos possíveis.

É esta a característica que faz com que os clássicos mantenham-se vivos, “já que sempre há o poder e os textos nos engajam quando os lemos vitalmente como leitores cujos retratos filosóficos se materializam sobre nós quando entramos naquele lugar que esperava por nós desde o início” (ibid., p. 198). Entretanto, isso não significa que o sentido do texto lido nos domine, que as palavras do autor sejam passíveis de orientar nossas vidas, nem que só o lemos se de antemão realizarmos uma identificação psicológica com ele, que nos fundemos com o seu pensar.

Para que a leitura filosófica nos seja efetivamente vital, é preciso que tomemos o texto como o ato expresso do pensamento de alguém, que o texto seja expressão, pois assim não colocamos nada no texto senão aquilo que ele mesmo nos proporciona. Como afirma Merleau-Ponty: “quando alguém, leitor ou amigo soube exprimir-se, os sinais são logo esquecidos, só permanece o sentido e a perfeição da linguagem passa despercebida” (MERLEAU-PONTY, 1974, p. 26). A linguagem, dirá ele, tem a virtude de nos atirar ao que significa ocasionando a sensação de que o autor nos comunica de espírito a espírito (idem). Formamos junto ao texto, segundo Merleau-Ponty, a dupla do cego e do paralítico, em que é impossível dizer com precisão quem conduz quem. Quando a expressão acontece, não há quem oriente e quem seja orientado, há sentido,

que precisa ser lido por alguém e que já estava ali antes de irmos de encontro a ele, “somos a um só tempo a voz e seu eco” (idem).

Pode parecer que isto ainda não torne a Literatura e a Filosofia indispensáveis à vida, pois persiste a questão de sua utilidade. A conexão interna de que fala Danto, ou o valor da expressão de que discorre Merleau-Ponty, continuam a constituir certa inferioridade se comparada à verdade nas ciências, e também da história, que, isentas da necessidade de conexão com o leitor, e na busca do mínimo de distanciamento entre o objeto percebido e o que se fala sobre ele, reduzem a possibilidade de expressão. No entanto, parece ser próprio da Linguagem não possibilitar a pureza, a correspondência absoluta entre objeto científico e a significação.

A expressão continua a acontecer mesmo que saibamos que o personagem não existe, ou que o texto filosófico já tenha sofrido críticas consistentes, mas a leitura é a ela inerente: “os textos requerem o ato de ler a fim de serem completos, e é como leitores de certo tipo que os textos filosóficos se dirigem a nós todos” (DANTO, 2015, p. 196). Daí que a universalidade levantada é a que se refere à universalidade alcançada através de qualquer leitor. No fundo, o estilo faz pulsar a linguagem, a forma dá vida e espírito ao texto e isto nos proporciona uma espécie de encontro. Assim como a forma de caminhar de um amigo pode ser reconhecida ao longe, o texto filosófico clássico e literário mantém um estilo de ser que não se apaga, e isto é o que torna a leitura uma forma de experiência, algo do qual, quando se efetiva, não nos deixa iguais a antes, pois nos faz descobrir algo que não nos é totalmente alheio, nem foi por nós colocado ali e também não é restrito a cada um que lê.

Antonio Candido, em *O Direito à Literatura* afirma a capacidade de humanizar da Literatura humanizar. Em vários níveis, a Literatura possibilita a organização do nosso espírito e posteriormente, do nosso mundo; e se a Filosofia é Literatura por conta da forma, podemos dizer que este caráter também faz parte do texto filosófico. Na medida em que o autor pensa e escreve, ele inaugura uma organização, retira as palavras do que Antonio Candido chama de caos: “o conteúdo só atua por causa da forma, e a forma traz em si, virtualmente, uma capacidade de organizar devido à coerência mental, que pressupõe o que sugere” (CANDIDO, 2008, p. 180), neste sentido, a coerência do conteúdo é tributária à forma; Antonio Candido continua:

O meu caos interior também se ordena, e a mensagem pode atuar [...] Toda obra literária pressupõe a *superção do caos*, determinada por

um arranjo especial das palavras e fazendo uma *proposta de sentido*. (ibid., p. 180, grifo nosso)

Na compreensão de Antonio Candido, o texto literário é capaz de exprimir de modo organizado aquilo que a experiência individual compreende de modo desorganizado. Ao afirmar esta conexão entre leitor e obra, podemos aproximar a concepção de leitura de Antonio Candido à de Danto e Merleau-Ponty. A referência da obra é o leitor no ato de ler, pois é ele que ela exige para fazer sentido, ao compreendermos o sentido como este âmbito expressivo do texto que o mantém verdadeiro.

O leitor é para Danto uma espécie de “Eu” geral, que é encontrado pela obra mediante a leitura. Como um espelho, a obra é capaz de refletir algo no leitor, que sem ela não seria possível. Neste mesmo sentido, Antonio Candido afirma sobre a variável humanização através da leitura. A “variável” leitor é uma necessidade, logo, o texto perpetua esse poder se e somente se, o leitor for considerado, se ele for chamado, e estiver presente no texto antes mesmo dele lê-lo, uma característica que um texto científico que tem como referência um objeto e não o leitor, os termos técnicos, não a expressão, não pode desvelar.

Esta zona leitor, ou invariável que o texto traz, suscita a ideia de que para ser lido, é necessário que a leitura compreenda também, entre as referências vertical e horizontal, a referência “Eu” leitor. Ela trata do sujeito que lê, na dimensão da leitura, por isso caracteriza-se menos em explicar o que o texto quer dizer, em elaborar apenas conexões internas, do texto referindo-se apenas a si, ou apenas externas, do que conecta o texto a outros textos ou contexto. Trata-se mais da ideia de que se o texto pode ser lido, há um “Eu” que pode lê-lo e isto só pode ser observado na leitura, neste sentido, devem-se ser desveladas também “teorias daquilo que somos na dimensão da leitura” (DANTO, 2015, p. 196). Como exemplo, Danto cita as *Meditações Cartesianas*, em que o texto requer um leitor que descobre uma identidade filosófica ao longo da meditação junto à Descartes. Há um terreno pronto para a instalação do leitor que foi de antemão preparado pelo pensamento do filósofo, o que nos leva à considerar que quanto mais desenvolvida for esta zona leitor, este âmbito que requer que o texto seja lido, mais importante para a vida é o terreno do texto. Este terreno é o da expressão, em que o leitor não refere mais de si a si, mas vai de encontro a um si que estava a sua espera:

O exemplo mais óbvio de um texto deste tipo é *Meditações*, no qual o leitor é forçado a comeditar com o escritor e a descobrir no ato da comeditação sua identidade filosófica: ele deve ser o tipo de indivíduo que o texto requer – se é que ele pode lê-lo -, e o texto deve ser verdadeiro – se é que ele pode ser lido. Ele encontra a si mesmo no texto, pois estava nele desde o início. (ibid., p. 197)

5. Considerações finais

Considerando a dimensão leitura como este lugar que suscita uma identidade no momento em que o texto é lido, podemos afirmar que o texto filosófico é indispensável para aprender a filosofar, pois desloca o indivíduo de sua perspectiva principal, a que está comumente situado, e o coloca em uma perspectiva universal e também necessária, que é a perspectiva do “Eu” no ato de ler. Segundo Danto, a leitura se apresenta na conexão entre texto e leitor, sugerida pela expressividade do texto pelo autor. Neste sentido, a leitura remete a uma leitura filosófica que se faz com o autor, ou ainda, com o texto.

Logo, a compreensão proposta da leitura não encerra uma interpretação filosófica da história da Filosofia, mas também não exclui os métodos que existem de abordar o texto filosófico. Ela caracteriza a dimensão da leitura do texto que o faz permanecer ao longo do tempo, mesmo que já tenha sido “superado”.

O que fica em questão é: filosofar com o autor, nos leva a filosofar autonomamente? É evidente que a leitura, se acontece, traz ao leitor ganhos, mas desenvolve também a capacidade de crítica, de inserção, por exemplo, em um debate?

Estas características, que não são colocadas por Danto, são significativas quando pensamos na presença da Filosofia em sala de aula. Podemos concluir que o que Danto nos apresenta é parte do que significa levar o texto à sala de aula, uma experiência no texto, no pensamento do autor, que conduz o leitor a descobrir-se em diferentes modos de pensar, em diferentes expressões.

Pode-se afirmar, a partir disso, que a leitura humaniza, como bem o define Antonio Candido:

[...] confirma no homem aqueles traços a reputar essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor [...] Desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais

compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante.
(CANDIDO, 2008, p. 182)

Tendo sido escrito para tratar do direito à leitura literária, podemos também afirma-lo do direito à leitura filosófica, a partir dos termos que indicados acima, nos fazem com Danto, identificar Filosofia e Literatura. Neste sentido, a leitura filosófica possibilita através da expressividade do filósofo no texto, do seu estilo, uma forma de humanizar, visto que, o ato de ler nos abre a outrem e ao mundo e desvela uma ótica de “nós mesmos”, uma ótica universal que não nos seria acessível sem o texto, o que o torna indispensável à vida.

Há textos de Filosofia que abordam todas as categorias presentes no texto da proposta da BNCC - tempo e espaço, território e fronteira, natureza, indivíduo, sociedade, cultura e ética - neste sentido, a leitura do texto nos requer primeiramente como leitores, e após a leitura e a compreensão desta zona requerida pelo texto, o trabalho com os conceitos.

Um exercício de humanização, o encontro de um “Eu” geral, o deslocar-se do âmbito de si, elementos indispensáveis quando se pensa em educação como uma construção democrática. Martha Nussbaum afirma o grande risco à democracia em *Sem fins lucrativos: por que a democracia precisa das humanidades*, a respeito da tendência ocidental ao ensino estritamente técnico, em detrimento do ensino das ciências humanas. Na obra, a filósofa aponta a Filosofia e a arte como motrizes para o desenvolvimento do pensamento crítico, mas principalmente da empatia.

Apenas a leitura parece incapaz de desenvolver a prática da crítica e do debate, sendo necessário também, estimular os estudantes através de exercícios em que eles mesmos possam debater e ensaiar o pensamento como algo que não é fechado em si, nas opiniões individuais, mas que se desenvolve na preocupação com levar o outro a compreender o seu pensamento e aí que a própria expressividade e o próprio estilo se fazem necessários, elementos que a aprendizagem técnica por si só não é capaz de desvelar.

Na medida em que humaniza, a leitura de textos filosóficos garante o desenvolvimento da *disposição* do indivíduo à crítica e ao debate. Quando o estudante se depara com o pensamento de outrem através da leitura, isto deve desenvolver o pensar por si que não se encerra na individualidade, é um pensar que só se realiza através da expressão, neste sentido, a forma é um elemento necessário para que o

sentido do texto nos coloque diante do pensamento de outrem, e nos faça descobrir em nós certo tipo de leitor que o texto requeria.

A leitura, se realmente acontece, desenvolve a descoberta de outras formas de pensamento, a identificação de estilos, de formas e modos de ser que não podem ser destacados da *verdade* do texto, pois são necessários para o que o leva a ser universal segundo a universalidade exposta mediante o pensamento de Arthur Danto. No que tange aos textos de Filosofia, não obstante às maneiras de abordá-lo, e as concepções de seu lugar na história e produção filosóficas, há, pois a zona leitor que significa o trabalho da expressão em nossas vidas.

É neste sentido, que a leitura de textos filosóficos em sala de aula é indispensável se o que buscamos em educação é o desenvolvimento de estudantes e cidadãos críticos e abertos a outrem e ao mundo. Contudo, devido ao curto tempo para a leitura de um texto filosófico inteiro em sala de aula, faz-se importante o trabalho de recorte dos textos pelo professor e o de trilhar junto aos estudantes as linhas que nos levam de encontro à dimensão leitor que o texto nos requer.

Referências

- DANTO, A. C. *O descredenciamento filosófico da arte*. Prefácio por Jonathan Gilmore; tradução Rodrigo Duarte. Belo Horizonte: Autêntica Editora: 2015.
- CANDIDO, A. *Vários Escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul: 2011.
- MERLEAU-PONTY, M. *O homem e a comunicação: A prosa do mundo*. Tradução de Celina Luz; Rio de Janeiro: Edições Bloch: 1974.
- GOLDSCHIMIDT, V. *Tempo Histórico e Tempo Lógico na Interpretação dos Sistemas Filosóficos*. Disponível na internet via WWW. URL: <http://www.jcrisostomodesouza.ufba.br/goldsc.html>. Acesso em 29/05/2018.
- GUEROULT, M. *Lógica, arquetônica e estruturas constitutivas dos sistemas filosóficos*. Tradução de Pedro Jonas de Almeida. In: *Trans/ Form/ Ação*. São Paulo, 30 (1): 235-246, 2007.
- _____. *O método em história da Filosofia*. Tradução de Nicole Alvarenga Marcello; in revista *Sképsis* ano VIII n 12; São Paulo: 2015.
- NUSSBAUM, M. *Sem fins lucrativos – Por que a Democracia precisa das humanidades*. São Paulo. Martins Fontes. 2015.
- Retratos da leitura no Brasil 4/* organização de Zoara Failla. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

Recebido em: 04/05/2018
Aprovado em: 15/10/2018